

REVISTA HISTORAR

Sheila Ramos da Silva

Graduada em Ciências Sociais em 2014 pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA

Nilson Almino de Freitas

Professor da área de antropologia do Curso de Ciências Sociais da UVA, professor do quadro permanente do Mestrado Acadêmico em Geografia MAG/UVA, pesquisador associado do Pós-doutorado em Estudos Culturais do Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC/UFRJ, coordenador dos projetos citados no artigo, orientador das bolsistas de iniciação científica e responsável por parte da reflexão teórica e finalização do artigo.

Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

HISTÓRIAS DO “ALÉM”: NARRATIVAS SOBRE ASSOMBRAÇÃO NA PERIFERIA DE SOBRAL E A SOCIABILIDADE

Resumo

O presente artigo reflete sobre aspectos de uma pesquisa videográfica, discutindo sobre as histórias assombrosas narradas pelos moradores da periferia de Sobral. O texto reflete sobre estas histórias como elemento importante dos processos de sociabilidade (Simmel, 2006) envolvidos no momento da narração. Faz também uma análise dos aspectos socioespaciais e temporais que envolve tais narrativas.

Palavras-Chave: Histórias assombrosas – Narrativas – sociabilidade.

Abstract:

This article reflects on aspects of a videographic research, discussing the amazing stories told by residents of the periphery of Sobral in order to understand the processes of sociability (Simmel, 2006) involved at the time of narration. It also makes an analysis of the socio-spatial and temporal aspects involving such stories.

Keywords: Amazing stories – Narratives - sociability.

Considerações iniciais: apresentando a pesquisa

Este artigo reflete sobre os processos de sociabilidades agenciados por alguns moradores dos bairros periféricos da cidade de Sobral (cidade cearense, localizada a 225 km da capital - Fortaleza) nas contações de histórias assombrosas. Parte-se aqui do pressuposto de que os momentos onde as diferentes histórias de assombração são contadas fazem parte de um complexo de relações sociais que visam a integração do grupo e, a o mesmo tempo, a construção de reconhecimento social por parte do narrador perante seus pares. Ao mesmo tempo, a contação de histórias está sofrendo, cada vez mais, repercussões de um processo mais geral de incredulidade sustentada no que se reconhece como saber racional e objetivo da realidade, o que se relaciona também com a cultura do individualismo.

O interesse pelo tema foi resultado de uma pesquisa videográfica que resultou no documentário “Lendas urbanas, contos e assombrações”¹. A equipe de produção desta obra audiovisual entendeu que a pré-produção, produção e montagem do vídeo não foram repercussões de uma pesquisa anterior. Os três momentos citados da produção da obra foram o método, a técnica e o resultado da pesquisa. Os bairros periféricos da cidade de Sobral constituem o lócus desse estudo. O momento inicial tem relação com a inserção dos pesquisadores no bairro chamado Padre Palhano. A inserção acontece como demanda do projeto “Memórias, bairros e cidades possíveis: narrativas e imagens” aprovado no edital MCTI/CNPq/MEC/CAPES no 18/2012 e do projeto de Iniciação Científica intitulado de “Cidade, bairros e memória: percepção espacial e histórias da cidade de Sobral/ CE contada por seus moradores” (PIBIC/CNPq/UVA). A pesquisa também contou com o apoio do programa de extensão “Visualidades: identificação e registro audiovisual para preservação do patrimônio cultural da cidade de Sobral/CE”².

O objetivo mais amplo dos projetos acima citados é conhecer outras versões do patrimônio cultural não contemplados pelo tombamento da cidade como patrimônio Histórico Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN em 2000. O discurso que fundamenta e justifica o processo de tombamento está contido no documento enviado ao IPHAN batizado de Processo de Instrução apresentando a cidade com características

¹ O documentário *Lendas urbanas, contos e assombrações* foi produzido no ano de 2013 tendo como diretora Sheila Ramos da Silva e como diretor de produção Nilson Almino de Freitas. Neste apresentamos o depoimento de quatro moradores da cidade de Sobral a respeito das histórias assombrosas e discutimos as implicações sociais e culturais da contação de histórias. O documentário está disponível em: <https://vimeo.com/87463437>.

² Programa de extensão financiado pelo edital PROEXT 2011 do Ministério da Educação.

marcantes como o pioneirismo, a independência social, política e econômica com relação à capital estadual. Segundo Freitas (2010) esse argumento de que a cidade apresenta a sobralidade com características exclusivas, independentes e autônomas, tende a serem imperativas e categóricas, a partir de um parecer técnico que tende a desconsiderar a diversidade cultural local, especialmente aquela localizada nos bairros periféricos.

Por meio desse discurso observamos que os principais envolvidos no processo de construção da cidade, especialmente aqueles que moram nos bairros periféricos, não foram ouvidos. A equipe que compunha os projetos citados, acredita que é necessário ouvi-los sobre o que tem a acrescentar para conhecer a história da cidade e avaliar com eles o que merece ser reconhecido como patrimônio cultural. Não se afirma na pesquisa que a versão oficial enviada ao IPHAN esteja incorreta, mas sim que pode haver outras formas de pensar o patrimônio.

Diante disso, as bolsistas são direcionados para bairros periféricos da cidade para buscar possíveis narradores que possam enriquecer, com suas experiências, os modos de percepção sobre a história do espaço em que vivem, enriquecendo assim, a história da cidade. Os articulistas, como dito, iniciaram a reflexão sobre as histórias assombrosas no bairro Padre Palhano.

O bairro Padre Palhano, de acordo com o documento de territorialização realizado pelos profissionais de saúde da família em 2008, localiza-se na porção sul de Sobral, limitando-se com os bairros Sumaré e Dom José. Está entre a Av. Senador José Hermínio de Moraes, baixa das Carnaúbas e BR 222.

O bairro Padre Palhano, somado sua população com o bairro vizinho, Sumaré, corresponde a aproximadamente 11,75 por cento dos moradores da cidade. A população total de Sobral é de aproximadamente de 188.233 habitantes, segundo o senso 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.³

Diante de tais fatos, além de ir à busca dos possíveis narradores, a equipe tinha também como objetivo à produção de um documentário sobre algum tema que envolvesse o bairro, pois é comum cada bolsista de Iniciação Científica produzir um curta-metragem no espaço em que estuda. A pesquisa considera o método videográfico como um modelo em que também é possível o registro das atividades cotidianas que expressam percepções sobre o espaço e sobre o tempo.

³Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1378&z=t&o=25&i=P>. Acesso em 30 de jan. de 2014.

Foi nesse contexto mais amplo descrito que o objetivo de analisar as histórias assombrosas surgiu. Vale a pena detalharmos melhor este encontro.

Tomando conhecimento das primeiras histórias

Todo o percurso da pesquisa que envolve as histórias assombrosas é realizado com base no documentário que tinha que ser realizado. Assim, a pesquisa está relacionada com a produção do curta apresentado no evento V Visualidades realizado em 2013⁴.

O Visualidades é um programa de extensão da UVA que acontece em parceria com diversas instituições. Este evento ocorre anualmente e contém dois momentos: o primeiro voltado para a realização de discussões em seminários, conferências e minicursos sobre as artes visuais (documentário, fotografia, pintura e instalações) e articulação com a pesquisa, e o segundo correspondendo à mostras e exposições de obras de arte visuais que envolve atividade de pesquisa, ensino e extensão.

O momento da apresentação do documentário “Lendas urbanas, contos e assombrações” no evento de 2013 coincide com o início da produção da monografia de final de curso de Sheila Ramos. Vale a pena explorarmos as lembranças da pesquisa para o leitor entender como foram os primeiros passos, como se chegou até esse tema, os primeiros contatos com os interlocutores e como o estudo ia se delineando.

Como o desenvolvimento da pesquisa aconteceu por intermédio do projeto de Iniciação Científica, deve ser explicado como foi o processo de inserção em campo: o bairro Padre Palhano. Os pesquisadores estavam tentando entrar em ambiente desconhecido. Queriam conhecer o bairro e os moradores. A primeira iniciativa foi recorrer ao posto de saúde local denominado de Herbert de Sousa, inaugurado em 17 de março de 2000, tentando o auxílio das Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), nos primeiros meses, como forma de inserção do pesquisador no espaço. Foi autorizado o acompanhamento durante as visitas domiciliares, assim como a participação nos momentos de reunião que aconteciam anteriormente às visitas.

A cada dia da semana as bolsistas saíam na companhia de ACS diferentes. Iam tomando conhecimento do espaço e das pessoas que moravam nesse ambiente. Consequentemente iam criando laços com as agentes comunitárias. Foram realizadas várias visitas na companhia destas.

4 O referido evento faz parte do programa de extensão apoiado pelo edital PROEXT 2011 já citado.

Na manhã do dia 24 de outubro de 2014 era mais um dia para sair na companhia de uma das profissionais de saúde. O nome dela é Raquel, a primeira pessoa que compartilhou histórias assombrosas envolvendo determinados lugares no bairro.

Antes do ocorrido, a conversa era pautada em nomes não-oficiais que o bairro recebera no passado, como por exemplo Baixa do Arroz, Pantanal até chegar ao nome mais conhecido atualmente por Padre Palhano. No entanto, no decorrer do diálogo Raquel pergunta de impulso se as bolsistas já haviam ouvido falar sobre as histórias assombrosas ocorridas no ambiente do bairro Padre Palhano.

Como não tinham conhecimento, Raquel conta algumas histórias envolvendo a ponte que demarca o início do bairro falando sobre um fogo que surgia no Riacho Mucambinho. Este é um riacho fruto do escoadouro do açude que tem o mesmo nome, localizado no bairro Terrenos Novos. O riacho corta, dentre outros bairros, o Padre Palhano. Nesse local, o fogo impedia a passagem de pessoas de um lado para o outro. O surgimento da chama não teria uma causa conhecida.

Além da história do fogo no Riacho, Raquel também menciona a da perna cabeluda, que saíria sozinha pelas ruas do bairro causando terror em quem chegasse a vê-la. Muitas vezes as mães das crianças contavam essa história para as crianças como modo reprimir determinados comportamentos avaliados pelos pais como inadequados.

Raquel também lembra a história de uma porca com corrente que, do mesmo modo que a perna cabeluda, saíria pelas ruas causando terror em quem chegasse encontrar com esse animal. A porca seria um animal bem grande e forte que saía correndo atrás das pessoas.

Assim, nessa manhã, os pesquisadores estavam conhecendo as primeiras histórias assombrosas que aconteciam no bairro. Contudo, as bolsistas não se atentavam para que este pudesse ser o tema de um documentário. Colocaram somente como registro do que havia encontrado, no bairro no relatório semestral da bolsa de Iniciação Científica. O orientador do projeto, ao lê-lo, indicou que este poderia ser o tema do documentário.

Produzindo o documentário e enriquecendo a pesquisa

Com as histórias já mencionadas por Raquel, a equipe de pesquisa começou a imaginar como seria o pré-roteiro do documentário. Pesquisas na internet sobre algumas histórias ajudaram

a fazer relação com aquelas encontradas no bairro. Algumas animações foram pensadas para o vídeo. No entanto, sentia-se falta de mais histórias contadas pelos moradores do Padre Palhano, assim como a equipe entendeu que devia levar mais a sério as histórias, não questionando a veracidade, o que o uso de animação na pós-produção poderia sugerir. A não exotização das histórias contadas tem relação com outro acontecimento que é relatado a seguir.

Os pesquisadores retornaram a campo com o intuito de encontrar mais histórias e mais pessoas que estivessem dispostas a nos ajudar na pesquisa. Ao chegarem no bairro encontraram duas agentes comunitárias, Ruthnéia e Simone, e ao serem indagadas sobre o paradeiro de Raquel, elas disseram que não haviam visto, perguntando o motivo do interesse por ela. Foi falado que o motivo era conversar sobre umas histórias assombrosas que havia comentado. A reação de ambas foi olhar uma para a outra e começar a rir. Naquele momento as bolsistas⁵ não entendiam o motivo do riso. Foi quando elas começaram a contar algumas histórias que tinham conhecimento, lembrando de suas experiências com o tema.

Viu-se logo naquela conversa mais duas possíveis entrevistadas para o documentário, já que ambas tinham profundo conhecimento do tema e mencionavam com empolgação as histórias envolvendo quem estava escutando. Elas têm o perfil do “bom narrador”, conforme descrito por Benjamin (1985). O bom narrador é um bom contador de histórias que expressa um senso utilitário ao contar, sabe dar conselhos, seja por meio de um ensinamento moral, sugestão prática ou norma de vida. Considerou-se, no momento do contato, ambas como boas narradoras.

No entanto, uma das dificuldades encontradas tanto na pesquisa, quanto na produção do documentário, consistia na busca por outros narradores que estivessem dispostos a partilhar suas experiências relacionadas às histórias de terror. Muitos acreditavam que, ao contar essas histórias para um público mais amplo, teriam suas interpretações julgadas como mentiras, e os contadores seriam tachados de loucos. Essa dificuldade fez a equipe pensar: como levar a sério as histórias, sem ofender os interlocutores?

Uma das preocupações dos pesquisadores, era não transmitir a impressão para quem visse o documentário de que existia uma tentativa de classificação das histórias como mentira ou verdade. A proposta era fazer com que aqueles que assistissem refletissem sobre o que as histórias transmitiam, através de seus interlocutores e qual o papel delas no contexto da sociabilidade⁶. A questão não era saber se as histórias aconteceram de fato, mas sim entender os mecanismos de

⁵ Além dos proponentes do artigo, a pesquisa contou com a participação de Clarisse Mendes de Sousa, também bolsista dos projetos citados no artigo.

⁶ O conceito vai ser melhor definido mais a frente neste artigo.

sociabilidade que estavam envolvidos durante o momento da narração. Por conta disso, era necessário registrá-las, analisá-las e torná-las um elemento para reflexão para as outras pessoas e até mesmo para quem estava produzindo o documentário, pois a equipe não fazia ideia de como alcançar este objetivo inicialmente.

Esse temor em parecerem “mentirosos” demonstrado pelos narradores, fez com que a equipe tivesse que utilizar do poder de argumentação e convencimento para demonstrar que, se necessário, seriam utilizados efeitos visuais para que não houvesse identificação. Contudo, não foi preciso utilizar este recurso no documentário, pois os entrevistados permitiram que suas imagens fossem divulgadas.

Enquanto isso, a busca por mais entrevistados seguia. Ao realizar entrevista com Ruthnéia Pinto, a que mais estimulou a equipe, foi recebido conselhos para procurar outras pessoas conhecidas no bairro Santa Casa. Segundo ela, nesse espaço encontraria pessoas que possuem experiências com essas histórias, e que enriqueceriam o estudo.

Com essa situação, a pesquisa não ficou limitada somente aos moradores do Padre Palhano. Houve uma junção, e até mesmo, complementação das histórias relatadas anteriormente. Algo positivo, já que seria mais proveitoso explorar as histórias assombrosas a partir do ponto de vista dos moradores da cidade de Sobral, mais especificamente dos bairros periféricos da cidade, apesar de não ser objetivo encontrar histórias que são exclusivas da periferia.

A partir da indicação de Ruthnéia a pesquisa se dirigiu para o bairro Santa Casa e foi encontrada no local mais uma entrevistada: Dona Maria Furtado. Essa narradora contou muitas histórias inclusive mencionou que era comum haver pessoas à noite em sua calçada para ouvir àquelas que contava.

Os pesquisadores foram também aconselhados a ir à casa de outra senhora que não estava entre os nomes citados. Em sua casa encontrou-se mais um entrevistado, seu José Osmar. Este senhor lembrou histórias como a do lobisomem, relacionando-o com o bairro em que mora e denominando quem seriam as pessoas que se transformavam em animal, sendo eles seus vizinhos.

Como dito, a equipe queria ter o cuidado de não ridicularizar as histórias contada pelos moradores. Apesar de possuírem um mundo voltado para o fantástico, dever-se-ia valorizar a fala dos entrevistados. O problema é que o aprendizado sobre como conduzir a narrativa não veio na fase de pré-produção. Foi na produção e pós-produção onde algumas soluções de pesquisa, do ponto de vista ético e estético foram encontradas. Neste caso, a produção e a pós-produção do filme foram recursos de pesquisa e produção de novos conhecimentos sobre o tema.

A principal dúvida que surgiu neste processo foi: como terminar o filme? Resposta que foi se revelando durante a pesquisa. Na entrevista com Ruthnéia aconteceu uma reflexão dela sobre as histórias como momento de união e respeito em que era possível vizinhos conversarem a noite em suas calçadas. O que hoje, para a entrevistada, tornar-se impossível pelo fato de não haver mais o respeito pelas pessoas. Estes momentos são prejudicados pela violência urbana e pelo fato das pessoas atualmente não saberem narrar algumas histórias ou conviver com os outros.

Como lembra Ruthnéia, “Se você chegar hoje para uma pessoa e pedir para ela contar uma lenda urbana, a pessoa não sabe”. O que lembra os lamentos de Benjamim (1985) quando diz que na era da informação o narrador está em processo de extinção, assim como está sumindo quem os ouça. Também é cada vez mais comum o isolamento entre os indivíduos, o que está sendo mediado pela imprensa e pelo romance.

Diante dessa reflexão imaginou-se que finalmente a equipe havia encontrado a cena final do documentário que foi composta por pessoas em rodas de conversa na calçada transmitindo conhecimento e construindo a sociabilidade por meio da contação de histórias.

A entrevista feita com José Osmar também ajudou a pensar melhor o filme quando ele conta que a tendência em não se contar mais histórias, estaria associada ao aumento da população, o que prejudicaria saber quem se tornaria bicho, enfraquecendo a proximidade entre as pessoas, e também, conseqüentemente, com o advento da iluminação dos lugares, as “aparições”, que carecem do escuro para causarem medo, estariam em processo de extinção. Desse modo, as histórias não mais aconteciam, embora ele tenha lembrança de tais histórias.

Essa é uma das ambigüidades encontrada no local da pesquisa. Os interlocutores dizem de modo enfático que as histórias teriam deixado de acontecer e até mesmo de serem narradas, embora naquele momento, eles relatem como acontece o desenrolar de cada história, revelando pessoas próximas como personagens principais diante de tais acontecimentos.

Histórias assombrosas no aspecto espacial e cultural

Tomando conhecimento de mais histórias a equipe de pesquisa via como cada narrador transmitia as histórias de acordo com a experiência que tinha, seja do lugar onde moram ou moravam, em temporalidades bem situadas e distintas. O que contribui para entender que a percepção dos narradores diante das histórias assombrosas é influenciada pelos hábitos e comportamentos praticados nos diversos lugares e tempos nos quais mantiveram relações.

Williams (1992) nos cita o exemplo da influência das condições de moradia e suas mudanças, no que se refere às transformações ocorridas nas práticas culturais e demonstra como a vida vai se constituindo, já que antes a moradia estava associada a buscar por abrigo e hoje, predominantemente, se observa que são usadas como marcos de diferenciação social internas entre parentes e dentre aqueles que mantêm relações sociais próximas, usando a ideia de conforto como mediadora. O que se quer dizer com isso é: como as redes sociais estabelecidas em um processo contínuo de mudanças, fazem com que os modos de vida também se modifiquem?

Outro aspecto a ser considerado é que, devido às narrativas estarem associadas aos lugares em que os sujeitos sociais possuem vínculos, não podemos intitular as histórias de “lendas urbanas” ou “rurais”, pois o que há é um intercâmbio entre esses dois espaços, onde é possível perceber, por exemplo, na história da porca com corrente, que há uma dinâmica entre representações rurais e urbanas. Isso vai depender da forma como cada narrador aciona suas lembranças, que podem variar entre o tempo em que morava na “roça” ou no período que veio para cidade. Algumas histórias mantêm estruturas bastante semelhantes, mas podem ser lembradas em espacialidades diferentes. O lobisomem pode aparecer como homem ou como mulher, no campo ou na cidade, com acontecimentos bastante semelhantes.

A porca, por exemplo, seria uma pessoa que, conforme seu José Osmar, era um comerciante do bairro Terrenos Novos que se transformaria em animal e ganharia as ruas da cidade assustando os transeuntes. Nesse pequeno trecho, observamos que a palavra porca nos remete a um âmbito rural, onde geralmente esse animal é criado e a junção com o urbano se encontra com o fato do animal ser um comerciante e percorrer as ruas do bairro. Veja a fala de seu José Osmar que aparece no filme:

José Osmar: A história dos caras lá, da porca lá, do velho lá, aí eu tenho uma história boa. Essa é a boa que o cara lá conhecia o velho, chamava Raimundo Valdimiro que aqueles pessoal mais antigo do Sumaré talvez que você até se “barroar”⁷ num deles e perguntar: Rapaz quem é o Raimundo Valdimiro que tinha um bodega perto dessa ponte aqui, aqui um velho, uns cara na base de sessenta anos, setenta ano que tem no Sumaré ali. Sei que o seu Raimundo Valmiro ali um velho que tinha uma bodega ali, que ele disse que conhece. Rapaz esse velho virava numa porca que como os cara conta. Tinha uns dois colegas meu que mora pro Sumaré que o velho disse que ele virava numa porca. A negada do Sumaré vinha ali pra aquela ponte, aí ficava lá. Aí o velho morava mais pra lá. Aí tinha um campo e vinha por ali. Ele vinha por ali e passava aquela “porcona” ali, e a negada ficava olhando. Quando chegava lá no “bequim” da casa do velho, o velho entrava. Aí tinha um colega meu que dizia assim: -Rapaz, nos vamos beber lá na bodega daquele velho, que ele vira numa porca. Aí eu digo rapaz é mesmo aí pegamos os quatro e fomos pra lá. Aí eu digo: -Seu Raimundo tudo bom?. -Tudo Bom. -Bote aí um litro de cachaça pra nós aí. Aí começamos beber, aí quando eu estava “bebo” esse colega meu que me convidou que morava no Sumaré que chama até (?) disse assim:- Seu Raimundo ouvi dizer que você vira numa porca? Aí o velho ficou logo... . Aí que conversa é essa cara? Aí é eu ouvi dizer que ele vira numa porca?. Mas esse cara que fez a pergunta a ele, só via ele na ponte ali, desses caras meio vagabundo né? Aí eu acho que já via os erros dele. Aí

⁷ Barroar está no sentido de se encontrar com algum desses moradores.

o velho:- Não eu não sei disso não, pois no dia que agente tiver “lombrado”⁸ que essa porca passar aqui nós vamos descobrir. Aí eu passei, subia, descia toda hora da noite pra lá e nunca vi essa porca e eles viam né? Mas eu nunca vi não...

Sheila: - Mas essa porca, assim corria atrás de alguém?

José Osmar: Corria, corria, ora tinha nego que se assombrava tinha nego que ora... via o “rebuliço”⁹ daquele , uma porca bem “grandona”, uma bicha bem “altona” e os animal sempre é pequeno, porca é pequeno, mas é grande, é uma altura danada. Aí a negrada corria, não tinha quem não abria. Eu não, não via. Mas esse colega meu que no Sumaré contava, eles contava que tinha visto sabe?. (NASCIMENTO, 2013).

Nesse sentido, Williams (1973) nos diz que “campo” e “cidade” são palavras muito poderosas, e isso não é de estranhar, se aquilatarmos o que elas representam na vivência das diferentes comunidades humanas. Apesar disso, não é intensão aqui definir quais são histórias urbanas ou rurais. Mas sim apenas registrá-las, conforme são detalhados os acontecimentos. Esta divisão socioespacial não tem limites muito precisos, quando se pensa nas representações simbólicas do mundo e das coisas que acontecem neles. Para a mesma história, os lugares são variados. Não se sabe com precisão se são sustentadas em evidências concretas e históricas, ou se algumas histórias contadas têm origem em determinados territórios socioespaciais especiais ou específicos.

Ainda nas narrativas dos moradores do bairro Santa Casa foi possível identificar espaços citados nas histórias que envolvia o terreno onde hoje funciona um espaço de lazer do bairro. Nesse espaço ocorria a história da perna cabeluda que Dona Maria Furtado, ao se lembrar, fala da seguinte forma:

Sheila: hum...Interessante né? E a história da perna cabeluda. Você acredita?

Maria: Não. A perna cabeluda eu tenho até medo. Era uma perna que aparecia no tempo que o campo aí era um campo de futebol. Todo mundo dizia que essa perna cabeluda corria, só que eu nunca vi, até hoje eu não como galinha com nojo da perna. O povo dizia que era a coxa de uma pessoa. Mas eu nunca vi não. Isso aí só era história.

S- Você sabe se essa perna era de homem ou era de mulher. Como é que era?

M- Disse que era uma perna que saía sozinha, mas não perguntava de quem era.

S- Ela ficava só no campo ou andava pelas ruas também?

M- Quando a pessoa... Não tinha gente que de primeiro andava de noite e quando passava essas horas de doze via só a perna, via essa perna, só a perna. O povo chamava a perna cabeluda só que eu nunca vi ela não. (FERREIRA, 2013).

⁸ Lombrado seria no sentido de estar embregado.

⁹ Rebuliço quer dizer uma movimentação estranha.

O filme mostra, dentre vários outros exemplos, as histórias narradas por Dona Maria Calixta que apresenta suas experiências baseadas no tempo em que morava no distrito de Sobral, chamado Jordão. Nesse lugar acontece a história do cajueiro. Abaixo, segue o trecho:

María Calixta: Outra... cinco hora da tarde eu fui pegar uma lata d'água na baixa para aguar as plantas né?. Saiu debaixo do chão, tinha um cajueiro assim né?. Ao lado né?. Aí quando eu dei fé vem um touro¹⁰ de uma vez. Eu não "to" mentindo não com fé de Deus que eu não sou de mentira, graças à Deus. Eu "to" contando o que eu vi né? Quando eu dei fé saiu aquele animal, o animal quase preto né? Escuro né? Castanho né? Que chama. Rapaz mais todo arriado¹¹ de ouro. Só podia ser ouro, toda fivela, toda argola, parece que tudo era de ouro né? E para o rapaz de chapéu de couro montado em cima, chapéu de couro como se fosse assim um vaqueiro né? Mas tudo que era tudo brilhante, de ouro o chapéu. O pessoal, eu era nova ainda tinha... Eu ainda era moça ainda não tinha nem ainda casado não. (GUIMARÃES, 2013).

Na história vemos a forte relação da narradora com o espaço em que morava. O mais importante é que, com tais histórias é possível a análise de hábitos que envolvem os narradores, o que nos permite considerar que as histórias também possuem esse papel de reflexão sobre as práticas cotidianas dos entrevistados. Elas remetem à sociabilidade. Simmel (2006) chama atenção que, ao se encontrarem em reunião, os seres humanos são orientados por conteúdos resultantes de interesses e necessidades específicas. Esses conteúdos são as matérias das sociações que, por sua vez, são formas de estar com o outro e de ser para o outro, construindo a interação. Os impulsos, interesses, finalidades, tendências, condicionamentos psíquicos, movimentos e, acrescenta-se aqui, as histórias assombrosas, são mediadores de relações, constituindo os conteúdos das sociações. Porém, são acompanhados pelo sentimento de satisfação por estarem socializados, ou seja, compartilham os valores da formação da sociedade enquanto movimento construtivo.

Exatamente por isso que os narradores, ao contar as histórias de assombração, se esforçam para adequá-las a um tempo e espaço que tenha efeito de adesão ou atenção dos seus interlocutores. Várias das histórias mencionadas ao longo da pesquisa não são originárias na cidade, o que pode dar a entender ao ouvinte de que o narrador têm muita experiência de vida em outros lugares, o que pode denotar sabedoria. Ser viajado, não restringir suas vivências a um lugar exclusivo, é importante para causar um efeito de "experiência" ou "pessoa vivida".

Outra história exemplar para entender melhor a questão da sociabilidade é a da loira do banheiro, ela acontece em vários lugares, dependendo de quem narra. Não existe um lugar próprio para ela. Em cada versão, a narrativa é enquadrada em lugares diferentes. É o que Lopes (2010)

¹⁰ Vale considerar que aqui ela fala no animal sendo um touro e no documentário ela menciona que o animal era um cavalo de marcha. Por isso, antes do trecho em que há a narrativa destaca o animal como sendo um cavalo, conforme estava no documentário.

¹¹ "Arriado" quer dizer cheio de ouro.

fala sobre o poder das histórias de viajar no tempo e no espaço. É sempre uma mulher loira que morre por algum motivo e começa a assombrar o lugar onde morreu. Nas narrativas, pode ser uma escola, uma casa e até um posto de saúde.

Darton (1986) também chama a atenção para esse fato quando fala sobre os narradores camponeses da Idade Média na Europa em que eram comum as histórias serem adaptadas ao cenário, envolvendo os relatos ao seu próprio meio, de modo adequá-las a sua realidade socioespacial. Conforme o autor, as características centrais das histórias eram mantidas e apenas alguns aspectos eram transformados.

Percebemos nas histórias assombrosas o uso de vários elementos socioespaciais referenciais como, por exemplo, a ideia de que na cidade, no tempo em que a história se passa, havia só mato, como também pouca iluminação. Isso favorece a construção de um cenário de medo, realçando a narrativa. São os detalhes que auxiliam na construção de uma atenção no interlocutor e permite ao pesquisador compreender os aspectos socioculturais e espaciais que as histórias apresentam.

Considerações Finais

Após esta experiência videográfica a equipe passou a observar que as histórias assombrosas ganham um outro sentido, outro prisma. Elas não têm como objetivo simplesmente passar medo aos que as ouvem, como a equipe pensava antes. Há algo mais além, uma simbologia e uma sinergia que envolve pessoas provocando partilha ou tensão de sentimentos, de conhecimentos, experiências, busca por reconhecimento social e prestígio.

O estudo, partindo de uma obra audiovisual usada como método de pesquisa, fez com que, tanto os interlocutores contadores dessas histórias, quanto a equipe que produziu o documentário, fossem apreendendo o papel articulador e agenciador das histórias de terror como elemento mediador da sociabilidade entre os moradores dos bairros periféricos e seus interlocutores.

Entretanto, não se quer aqui crer que os narradores selecionados nesses bairros podem ser considerados como amostras significativas de uma espécie de “visão da periferia”. Não se viu um padrão homogêneo na forma de falar ou uso de conteúdos de socição (SIMMEL, 2006). Percebeu-se que mostram histórias significativas que enriquecem, servem para decifrar ou relativizar versões correntes que falam de uma história linear e universal.

Através das narrativas desses entrevistados foi possível desenvolver uma pesquisa em que as visões que possuem sobre a cultura e o espaço se apresentam como significativas para construção de suas versões das histórias.

Desse modo, sintetiza-se aqui que, muito mais do que pensar quem mente ou quem fala a verdade sobre os contos, o que se pode fazer de melhor é analisar e registrar as falas, as vozes desses sujeitos criativos, tão importantes na permanência da cultura popular como forma de construção da sociabilidade cotidiana ou mecanismo de construção de aproximações e distanciamentos entre os seus pares, que compartilham do mesmo espaço social. Este é um movimento que parece estar em extinção, mas permanece e resiste a partir do esforço de alguns em preservá-lo como instrumento de reconhecimento social e construção de prestígio. Saber contar uma “boa” história, mesmo que seja reconhecida como “mentira”, ou coisa de gente “doida”, ou ainda, de pessoas que “não têm o que fazer”, ainda é uma forma dar visibilidade ao locutor enquanto “contador de histórias”.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. 4ed., tradução Sérgio Paulo Rouanet, São Paulo, Brasiliense, Obras Escolhidas I, 1985.

Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1378&z=t&o=25&i=P>. Acesso em 30 de jan. De 2014.

Estudo de Territorialização sob a Coordenação da Residência Multiprofissional em Saúde da Família Visconde de Sabóia. Sobral, Produção Núcleo.com, 2008.

FREITAS, N. A. (Org.); HOLANDA, Virgínia Célia C de (Org.); MARIA JUNIOR, Martha (Org.) . *Múltiplos olhares sobre a cidade e o urbano: Sobral e região em foco*. 1. ed. Sobral: UECE/UVA, 2010. v. 750.

FERREIRA, Maria Furtado. (Depoimento, 22.08.2013). Sobral, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, 2013.

GUIMARÃES, Maria Calixta. (depoimento, 14.08.2013). Sobral, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, 2013.

LOPES, Carlos Renato. Lendas urbanas em arquivo: uma relação de suplementariedade. *Trab.Ling.Aplíc.* Campinas, 49(1): 11-20, Jan./Jun. 2010.

NASCIMENTO, José Osmar do. (depoimento, 02.07.2013). Sobral, Laboratório de Memórias e Práticas Cotidianas, 2013.

SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução: Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

_____. *Cultura*. Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.